

A NARRATIVA DE JOÃO GILBERTO NOLL E O SUJEITO EM TRÂNSITO NA LIQUIDEZ DA MODERNIDADE

YU, Jingfang¹; CUNHA, João Manuel dos Santos²

¹Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras – Português/Francês e respectivas literaturas – UFPel; integrante do Grupo de Pesquisa CNPq-UFPel “Literatura comparada: interdisciplinaridade e intertextualidade”; yujingfang@gmail.com

²Doutor em Letras; professor de Literatura na Centro de Letras e Comunicação - CLC, UFPel; profjoaomanuel@terra.com.br

1 INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa em desenvolvimento tem como objetivo analisar o texto literário *Hotel Atlântico* (1989), do escritor gaúcho João Gilberto Noll, a partir das reflexões do filósofo francês Gaston Bachelard (1997) sobre a relação entre vida, morte e a simbologia da “água”, culturalmente construída tanto no imaginário ocidental como no oriental. A recorrência do signo “água”, presente já desde o paratexto do título do romance, vinculado à expressão da morte com o significado de passagem fúnebre que retoma o mito de Caronte, concebendo a morte como uma partida sobre a água, autoriza o investimento nessa via interpretativa. Ao mesmo tempo, considerando a reflexão de Zygmunt Bauman (2001) sobre o contexto social esgarçado em que se insere o sujeito contemporâneo – condição que ele denomina de “modernidade líquida”, em que o tecido social se dilui e as relações humanas sofrem um processo de “liquefação”, tornam-se fluidas, instáveis e efêmeras, desprovidas de compromisso mútuo –, a interpretação busca produzir sentido para a narrativa a partir da simbologia da liquidez: “os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la” (BAUMAN, 2001, p. 8). São consideradas, também, as conclusões a que chegou a pesquisadora Nizia Villaça (1996), afirmando a estética minimalista da linguagem de Noll, na qual ela percebe que “o mínimo estaria implicado na impossibilidade de experienciar a complexidade, a violência, a velocidade do contemporâneo” (VILLAÇA, 1996, p.102). Assim, segundo ela, em *Hotel Atlântico*, “a determinação do personagem narrador de viajar, tomar um ônibus, chegar em algum lugar, conjuga incessantemente uma dupla dissolução: a da narrativa e a do protagonista” (1996, p.105). Com a apropriação crítica dessas assertivas, a leitura desenvolvida é embasada na ideia da morte tanto como dissolução final do personagem como da própria narrativa. A investigação, assim, reflete sobre a simbologia da água, insistente no romance, com base nas reflexões de Bachelard sobre o signo da água, e sobre a trajetória do personagem como uma passagem rumo à finitude e à dissolução, metaforicamente representando a condição do sujeito na liquidez da modernidade, como postula Bauman.

2 METODOLOGIA

Leitura crítica da narrativa de ficção *Hotel Atlântico*, visando a produzir sentido para o texto literário a partir de elaborações teóricas não só do campo da teoria e da crítica literária como de outras áreas do saber, conformando-se como prática interdisciplinar, embasada em textos do âmbito da sociologia e da filosofia.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A mobilidade vazia de sentido do sujeito na contemporaneidade tem se tornado um tema recorrente na literatura. Na narrativa de João Gilberto Noll, a temática da inconsistência da trajetória humana é permanentemente retomada – seus personagens representam o homem moderno em permanente e inútil trânsito, o que corresponderia ao estado “aquoso” e de liquefação evidenciado na reflexão de Bauman sobre a condição do sujeito na modernidade: a da “fluidez como a principal metáfora para o estágio” de dissolução do tecido social (2001, p.8). Segundo ele, desapareceu o estado de “permanência”; tudo é temporário e está sempre a ser desmontado, em permanente dissolução.

O personagem-narrador de *Hotel Atlântico* não é nominado. Trata-se de um ator desempregado que se desloca do Rio de Janeiro em direção ao sul do país, transitando entre várias cidades litorais, chegando finalmente em sua terra de origem, Porto Alegre. Nesse trajeto, sem estabelecer relacionamentos pessoais ou conexão consequente com qualquer segmento social, o personagem se move como água que se formata ao espaço em que flui, não se conformando a nenhum lócus de pertencimento, quer sentimental, quer social. Sob o ponto de vista de Bauman, estaria aqui se estabelecendo uma relação do sujeito com o mundo sob a forma da liquidez e, metaforicamente, sob o signo da água. Segundo Cunha:

Ainda que Bauman não use a palavra “água” para construir a metáfora da “modernidade líquida” (“modernidade aquosa”, “amor aquoso”), ele usa adjetivos correlatos, como “leve” e “fluida” para caracterizar essa modernidade. Fluidez é condição característica dos líquidos, os quais, contrariamente aos sólidos, são metamórficos, passíveis de se conformarem ao meio em que se encontram. A possível analogia com o elemento água é instantânea, principalmente se pensarmos na comparação que ele articula entre “líquido” e “sólido”, a qual remeteria imediatamente para a oposição entre o estado físico dos elementos “água” e “pedra” (CUNHA, 2012, p.11).

A trajetória do narrador do Rio de Janeiro à praia de Pinhal é marcada pela proximidade com a água e pela experiência com a morte, condição que se explicita de forma cada vez mais intensa ao longo da viagem. A degradação do corpo e a decadência do espaço dominam todo o trajeto percorrido. A narrativa, ao dar conta dessa trajetória, evidencia a prevalência de várias vertentes temáticas. Duas delas, que, na verdade, podem ser vistas como estruturantes da viagem e estariam conectadas, seriam: a da recorrência ao signo “água”, presente já em “Atlântico”, no título; e a simbolologia da morte como passagem fúnebre que retoma o mito de Caronte, concebido como uma partida sobre a água. Eis como Bachelard vê essa conexão:

A Morte é uma viagem e a viagem é uma morte. Partir é morrer um pouco. Morrer é verdadeiramente partir, e só se parte bem, corajosamente, nitidamente, quando se segue o fluir da água, a corrente do largo rio. Todos os rios desembocam no Rio dos mortos. Apenas essa morte é fabulosa. Apenas essa partida é uma aventura (BACHELARD, 1997, p. 77).

Conforme se pode ver, a imagem da morte como uma viagem sobre a água é muito marcante culturalmente e é presentificada textualmente por Noll. A ideia de tratar a morte como uma passagem se explicita no mito de Caronte, o

barqueiro que atravessa as almas para outra margem do rio Aqueronte, a água que limita a vida e o além. De acordo com a mitologia grega e romana, o Aqueronte é o rio que as almas devem atravessar para chegar ao domínio dos Mortos. O barqueiro, Caronte, tem a missão de as fazer passar para a outra margem do rio. Em pagamento, os mortos são obrigados a dar-lhe um óbolo (GRIMAL, 2005, p.35).

No romance de Noll, o personagem transita sempre em espaço físico limitado por água. Desde o paratexto do título afirma-se a presença constante do mar, do oceano Atlântico, recorrente em seu percurso, quando transita por cidades litorâneas, como Rio de Janeiro ou Florianópolis, até as paradas no interior, marcadas pela presença de rio, córrego, chuva, tanto na fazenda Oásis e no lugarejo denominado Arraiol, como na chegada em Porto Alegre, e, finalmente, à beira-mar, na praia de Pinhal. Nessa movimentação, acompanhamos a degradação física do seu corpo até o seu último instante. Perambulando em direção a sua cidade de origem, o narrador traça uma viagem rumo à morte.

A água, associada à maternidade e à morte, é um símbolo ambivalente. Existem vários cultos para o sepultamento nos quais o corpo do morto é devolvido à água originária, para a dissolução final. O narrador de Noll retorna à água de origem, o mar de Pinhal, para depois morrer, contemplando o “mar escuro do Sul” (p. 110), como se fluísse para o infinito na amplidão da água primordial. Segundo a simbologia do signo água, presente no imaginário de várias culturas,

a água, oposta ao fogo, é yin. Corresponde ao norte, ao frio, ao solstício do inverno, aos rins, à cor negra, ao trigramma k'an, que é abissal. Mas, de outro modo, a água está ligada ao raio, que é fogo. (...) Todavia, a água, como, aliás, todos os símbolos, pode ser encarada em dois planos rigorosamente opostos, embora de nenhum modo irreduzível, e essa ambivalência se situa em todos os níveis. A água é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1998, p.16)

O livro de Noll se estrutura com extrema economia da linguagem do narrador em primeira pessoa, reproduzindo as mínimas falas em diálogos rápidos e secos. Segundo Nizia Villaça, a impossibilidade da compreensão do mundo leva o sujeito ao refúgio, colando-se a sensações, agarrando-se aos sentidos, defendendo-se das ameaças do tempo, da decrepitude e das condições inevitáveis (1996, p.107). Dessa maneira, limitando-se às suas próprias percepções, o narrador tece uma narrativa fragmentada, reticente. Não sabemos seu nome, sua origem, sua inserção social e familiar; não há informações sobre seu passado, a razão da viagem; não fica esclarecida a razão das mortes que perpassam todo o seu percurso, nem a razão da mutilação física que sofre pela amputação de uma perna. Não se identifica uma trajetória existencial para o personagem, sujeito à deriva numa rota aleatória. O narrador, localizado nessa condição “líquida”, é incapaz de produzir sentido para o mundo que o cerca, e, conseqüentemente, dessa forma, só consegue construir, através da sua minimamente articulada linguagem literária, um mundo fragmentado, em que não há totalização da dimensão espacial nem temporal, indo em direção ao vazio de significação – sua “dupla dissolução” (VILLAÇA, 1996, p. 105): a dissolvência da própria narrativa na fluidez de sua linguagem, e a dissolução final do protagonista à margem da imensidão de água atlântica na Praia do Pinhal.

Única possibilidade de articulação do discurso, essa linguagem mínima constrói uma narrativa mutilada, em que as faltas se sucedem, no esgarçamento do próprio substrato que deveria sustentá-la, o da literatura como possibilidade de dizer

o mundo. A decodificação do texto, pelo leitor, por sua vez, torna-se também problemática, pela ausência de totalização no nível temporal e espacial. O empobrecimento do foco narrativo corresponde ao esgotamento do protagonista, que nem se constrói como herói, nem como anti-herói, eis que “caracteriza-se pela ausência de traços que comporiam um sujeito pleno”. (VILLAÇA, 1996, p.108) Não há nome, família, bagagem, nem destino; as suas relações amorosas se reduzem ao imediato, ao aspecto físico, um instante em que se manifestam sensações isoladas das partes do corpo: “nenhum toque acima de cintura, nada que não fossem ancas anônimas se procurando patéticas ”(p.12). A essas faltas, somam-se as novas perdas, acompanhando a deterioração gradual do corpo do narrador-personagem e conduzindo-o à dissolução final, ao mesmo tempo em que se dissolve a sua narrativa.

4 CONCLUSÃO

O deslocamento “aquoso” do personagem corresponde à própria incompletude do narrador, cuja degradação física ao longo do percurso se soma à liquidez existencial, levando-o à finitude. O corpo se desfaz gradualmente até o último instante, dissolvendo-se na água de origem, assim como a própria narrativa se dilui nesse percurso, construindo um duplo fim: o da vida do ex-ator sem nome, símbolo do sujeito liquefeito na modernidade, e também do ato de narrar, eis que são condições imbricadas: tanto a impossibilidade de concretude existencial do sujeito moderno quanto a do discurso narrativo que almeja dar conta dessa trajetória, podem ser vistos, então, como um duplo percurso, sob o estado de liquidez, fluindo para a condição de inconsistência e, finalmente, de dissolução. Ainda assim, nos diz o narrador: é preciso ir, é preciso seguir: “e eu precisava ir” (p.19). Ainda assim, é preciso narrar: esse é o estatuto da literatura na modernidade, depõe o próprio texto de Noll.

5 REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CUNHA, João Manuel dos Santos. Sob o signo da água: intertextualidades fluidas e amores líquidos em *Cordilheira*. **Revista Todas as Letras**. v. 14, n. 1 (2012). São Paulo: Editora Universidade Mackenzie, 2012. (no prelo).

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NOLL, João Gilberto. **Hotel Atlântico**. São Paulo: Francis, 2004.

VILLAÇA, Nizia. **Paradoxos do pós-moderno: sujeito & ficção**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.